



Carta circular nº 8 do Ministro geral
por ocasião do S. Natal de 1995
Prot. 01130/95

e veio habitar entre nós

A todas as irmãs e
a todos os irmãos
de nossa Ordem

Estimadas Irmãs e caros irmãos,

«O VERBO SE FEZ CARNE E VEIO HABITAR ENTRE NÓS»

(Evangelho da terceira missa do Natal)

1.1 Quando eu era criança, esta frase fazia parte do «último» Evangelho que se proclamava na conclusão de todas as Missas. Um Evangelho que encerrava a promessa e o compromisso que os cristãos levavam para suas casas após as celebrações eucarísticas. Hoje, a liturgia acentua a especial natureza do prólogo do Evangelho de João, proclamando-o somente uma vez, durante o período natalício. Para os cristãos da Idade Média estas palavras continham uma promessa e por isso guardavam-nas em escapulários ricamente ornados e dentro do coração. São Francisco, fiel ao seu tempo e à sua fé, sentia-se repleto de alegria diante do esplendor deste evento:

«Como é santo e dileto, agradável, humilde, pacífico, suave, amável e sobretudo desejável ter tal irmão e tal filho: Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele entregou sua vida pelas suas ovelhas...»

(Primeira recensão da Carta aos fiéis, I, 8).

2.1 O terceiro prefácio da missa de Natal diz: *«A nossa fraqueza foi assumida pelo Verbo e o homem mortal foi elevado à dignidade perene»*. Francisco adorou «o Verbo eterno» encarnado na «fraqueza humana». Serviu os leprosos, lavando-os e ajudando-os em suas necessidades, venerando desta maneira o corpo crucificado de seu Senhor Jesus Cristo. Partilhou o que tinha com os pobres porque *«a esmola é uma herança e um direito adquirido em favor dos pobres, que nos conquistou Nosso Senhor Jesus Cristo»* (Rnb, 9, 10)

2.2 Se João compreendeu tão profundamente o conteúdo do mistério do Natal, Isaias compreendeu o significado humano:

«Que formosos são, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova»

(Is 52,7: primeira leitura da terceira missa do Natal).

A vigorosa proclamação de esperança segundo Isaias aparece ainda mais incrível quando pensamos que a mesma faz parte do prelúdio do segundo cântico do sofredor Servo de Javé, que a Igreja proclama durante a Semana Santa. Jesus é a nossa esperança porque ele *«se fez pecado por nós»* para que nos transformássemos em *«santidade de Deus»* (2 Cor 5, 21).

Francisco, imitando desta maneira o *«Verbo feito carne»*, tornou-se *«santidade de Deus»*, o *«mensageiro de jubilosos anúncios»*, que proclama a paz, a reconciliação e um amor sem limites para todos os que tinham perdido o sentido da fraternidade. Proclamou o amor pela criação a um mundo cego à sua beleza.

2.3 Venerar Cristo que se revela na fraqueza humana e no sofrimento... imitar o Senhor em sua pobreza e minoridade... transformar a nossa vida em anúncio de paz para o mundo... esta, ainda hoje, é a maneira autêntica de celebrar o Natal do Senhor.

2.4 Mas o Natal não nos deve oprimir com o que exige de nós. Ao contrário, deve encher-nos de alegria. O abate Marmion definiu a alegria como *«o eco da vida de Deus em nós»*. O Natal me obriga a parar um instante e, com ânimo grato, a colocar-me em atitude de escuta deste eco que ressoa em nossa fraternidade universal.

2.5 Então percebemos como Cristo, que se revela na fraqueza e na fragilidade humana, é venerado:

- ☆ pelos nossos irmãos *Vicente* e *Egídio* que se encontram ao serviço dos frades doentes na enfermaria de Altötting (Alemanha);
- ☆ pelo *«Grupo de ajuda para a Vida»* na casa para os doentes de AIDS em São Paulo (Brasil);
- ☆ pelos centenas de capelães de hospitais e de cárceres em 90 nações do mundo;
- ☆ pela *«Ciudad de los Niños»* que atende os meninos abandonados nas estradas de Lima (Perú);
- ☆ pelas inúmeros frades que diariamente oferecem pão aos famintos, acolhem os sem-teto e mostram-se irmãos com os que são acometidos por doenças psicológicas.

Estes são «o eco da vida de Deus em nós»!

3.3 Podemos então perceber como procuram imitar o Senhor Jesus em sua pobreza e minoridade:

- ☆ o falecido bispo capuchinho que, embora com as pernas amputadas, com a parte direita do corpo em incontrolável movimento e a esquerda paralisada e incapaz de falar, conseguia comunicar coragem e fé com os olhos cheios de afeto;
- ☆ os dois mil e mais postulantes, noviços e professos simples que continuam sendo inspirados pelo ideal de São Francisco;

- ☆ as centenas de frades, em todos os continentes, que procuram novos caminhos para viver entre os pobres;
- ☆ as irmãs Clarissas capuchinhas, testemunhas da vida de Deus presente entre nós com sua simplicidade, fraternidade e profunda contemplação.

Estes são «o eco da vida de Deus em nós»!

3.4 Alegramo-nos com os nossos irmãos que lutam para que a própria vida se transforme em símbolo de paz para o mundo:

- ☆ os irmãos de Downpatrick em Belfast, na Irlanda do Norte;
- ☆ os irmãos de Djibuti, de Comores e de muitas outras nações muçulmanas que procuram semear compreensão e compaixão humana;
- ☆ os mártires capuchinhos de Rochefort, cujo testemunho de perdão e de reconciliação foi reconhecido em nossos dias, após 200 anos de sua morte.

Estes são «o eco da vida de Deus em nós»!

4.1 A alegria do Natal não é somente intelectual ou sensível: é também espiritual e envolve toda a pessoa. Urge, pois, cultivá-la em nossa vida pessoal e em nossas fraternidades. Se a atmosfera na qual vivemos não se encontra imbuída de alegria, então está faltando um de seus elementos essenciais. Em nossos dias, quando dizemos que somos responsáveis pelo ambiente material que nos circunda, seria irônico julgar que não somos responsáveis pelo «ambiente espiritual». Frei Francisco repreendeu o frade com fisionomia triste, admoestando-o que devia conscientizar-se de seu comportamento e esforçar-se de mudá-lo. E de maneira alguma cedeu à tristeza que ele chamava «*ferrugem que vai ficar*» (2 Cel 88, 125). Se não manifestamos alegria, pecamos contra o testemunho. E qualquer outra coisa que fizermos, será feita inutilmente. Eis alguns passos com os quais podemos afastar a tristeza e cultivar a alegria espiritual: *uma autêntica meditação do mistério da Encarnação; o uso do sacramento da Reconciliação; o exame comunitário da atmosfera espiritual de nossa fraternidade; levar a sério os ensinamentos de São Francisco sobre a alegria* (especialmente 2 Cel 125-129); *abrir a nossa mente e os nossos corações à liturgia do Advento como parte da preparação ao Natal.*

4.2 «E o Verbo se fez carne». Estas palavras despertam a saudade da alegria das missas de meia-noite de minha infância. Os meus pais ensinaram-me a fazer, com muita devoção, uma genuflexão a estas palavras do último Evangelho. Depois da missa, levava-me a contemplar, com grande ânsia e alegria de minha parte, esta realidade diante do presépio da paróquia. Oxalá que o «**eco da vida de Deus**» nas nossas fraternidades possa conduzir-nos a contemplar com novos olhos de fé e de gratidão a manjedoura do Natal e sentir que ainda hoje «**o Verbo se fez carne**».

Roma, Natal de 1995.

Fraternalmente,



Frei John Corriveau

Frei John Corriveau, OFM Cap.
Ministro geral